

REPENSANDO O CÍRCULO DE BAKHTIN: NOVAS PERSPECTIVAS NA HISTÓRIA INTELLECTUAL.¹

Ângela Plath da Costa²

Repensando o Círculo de Bakhtin foi lançado no segundo semestre de 2012, por ocasião das palestras realizadas por pelo autor no Brasil. O livro apresenta uma coleção de sete artigos publicados entre 1999 e 2008³, com versão inédita no Brasil, reunidos e organizados pelas professoras Maria Inês Batista Campos (USP) e Rosemary H. Schettini (USP). Através dos artigos, são disponibilizados anos de reflexões de Craig Brandist sobre as fontes das Ideias do Círculo de Bakhtin, tomadas do leste e do oeste europeu.

A unidade constituída a partir desse conjunto de textos, portanto, vem estabelecer novos embasamentos para as ideias sobre os estudos bakhtinianos além do marxismo não stalinista, ampliando o contexto ideológico para além das fronteiras soviéticas e o contexto e a abrangência para outros âmbitos de saber, como os domínios dos estudos culturais, políticos e jurídicos.

O olhar de Brandist para a anterioridade constitutiva e articulações, segundo o próprio autor, desestabiliza as reflexões atuais sobre as práticas autorais de Mikhail Bakhtin, Voloshinov e Medvedev, mas enunciando seus empréstimos dentro das coerções instaladas no contexto positivista-reducionista do stalinismo. Além disso, mostra as convergências e os afastamentos entre as orientações filosóficas do Círculo de Bakhtin e as concepções de Vygotsky, a vinculação de conceitos bakhtinianos ao pensamento jurídico-filosófico da Escola de Marburg, a inserção dos trabalhos do Círculo de Bakhtin no contexto institucional das décadas de 1920 e 1930. Isso contribui, ainda, segundo o autor, para desalojar consagrações sem bases sólidas e para integrá-los na historicidade que confere novos valores às suas ideias.

A publicação desses textos em versão brasileira reproduz as possibilidades de leitura das obras do Círculo da Bakhtin, como também possibilita novas atualizações de como foram construídas as diferentes apropriações no âmbito dos estudos da linguagem, levando em conta as reflexões de Brandist. Algumas linhas e projetos de pesquisa já contemplam este campo, como *Mikhail Bakhtin: contribuições para os estudos semânticos e discursivos* (Zandwais – UFRGS), *Análise dialógica do discurso* (Brait – PUC-SP) e *Verbo-visual e produção de sentidos: perspectiva dialógica* (Campos – USP), entre outros. No âmbito específico da Análise do Discurso de linha francesa, entendemos que o retilhar do percurso da história das ideias até os estudos discursivos da atualidade abre possibilidades para a emergência de rearticulações, partindo de vários pontos, como a polifonia e a heterogeneidade, as formas de partição do sujeito, as relações entre signo e ideologia.

¹ BRANDIST, Craig. *Repensando o círculo de Bakhtin: novas perspectivas na história intelectual*. CAMPOS, Maria Inês & SCHETTINI, Rosemary H. (orgs). São Paulo: Contexto, 2012.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

³ Publicados anteriormente na Europa e na Rússia.

Os sete artigos do livro compõem a contextualização científico-ideológica do desenvolvimento das ideias do Círculo a partir de diferentes ângulos. O primeiro, *A grande narrativa de Bakhtin* (p. 13), abordando a perspectiva bakhtiniana sobre o renascimento, traz a leitura de Brandist sobre os deslocamentos significativos em relação às concepções da época sobre a história da cultura literária durante os anos 1920 e 1930.

Tecendo a relação entre fonte, ideia, obra e deslocamento, Brandist destaca os moldes do idealismo alemão e do populismo na concepção de Renascimento desenvolvida por Bakhtin. Como resultado, aponta o tratamento do individualismo sob o ponto de vista moral e transcendente às condições materiais e a ausência de uma avaliação aprofundada da história econômica e política da época como base da avaliação da história cultural e artística. Brandist identifica o individualismo moralista bakhtiniano na comparação do contexto do absolutismo e do stalinismo, como também na transposição das condições do folclore popular para a autoria do romance, ainda que sem aprofundar questões culturais necessárias para a compreensão do folclore.

Brandist identifica o avanço de Bakhtin em relação às suas fontes no plano da formalização, através da reintrodução do significativo conflito social pelo assentamento da cultura renascentista sobre as bases da luta sociopolítica, mas sem relacionar a cultura renascentista às instituições sociais que analisa. Enquadra o enfoque do romance e da poesia bakhtinianos no plano das ideias, de tal modo que o seu enfoque, portanto, abre lacunas para as reflexões sobre as formas de desenvolvimento concreto das estruturas sociais. De outro lado, considera a importância de Bakhtin ter mostrado o surgimento dos processos da constituição da consciência crítica em meio às contradições do desenvolvimento renascentista, desde que colocado à luz de uma aplicação materialista, voltada para as relações entre emergência da individualidade e da interação social e o desenvolvimento social-institucional.

Em *O dilema de Voloshinov* (p. 35), temos os diálogos entre as ideias do Círculo de Bakhtin partindo do desenvolvimento dos estudos de Voloshinov sobre o enunciado. São destacadas as remissões às fontes, entre as quais aquelas não devidamente reconhecidas, como Anton Marty e Karl Bühler, precursores da noção de enunciado. A leitura de Brandist destaca, como ponto de originalidade de Voloshinov, a sociologização da noção de enunciado, suporte estrutural para a reconfiguração de suas concepções sobre a fenomenologia dos atos subjetivos e sobre a relação autor/herói nos moldes da interação dialógica.

São ressaltadas duas contribuições constitutivas do pensamento de Voloshinov. A herança antikantiana, da Escola inaugurada por Franz Brentano, que subjaz à sua concepção de forma interna da linguagem, somada ao pensamento de Karl Bühler, psicólogo alemão, sobre a percepção discursiva das relações intersubjetivas, central do trabalho de Voloshinov e Bakhtin. Pode-se dizer que Voloshinov importa o modelo *organon* sobre as fundações do enunciado, origem da teoria bakhtiniana do enunciado. Brandist avalia a distinção de Bühler entre campo indicativo (situação extradiscursiva) e campo simbólico (matriz sintática) como o cerne do ensaio de Voloshinov *A palavra na vida e a palavra na poesia*. O deslocamento produzido por Voloshinov, de acordo com a leitura de Brandist, consegue dar peso maior ao campo simbólico no que diz respeito à inscrição da palavra na esfera poética. De outro lado, a continuidade reside na concepção da palavra na esfera da vida a partir do modelo *organon* do enunciado, calcado nas instâncias autor, leitor e herói.

Brandist reescreve o diálogo instaurado entre as ideias de Voloshinov e Bakhtin no campo das articulações entre Bühler e os antikantianos. O modelo *organon* de Voloshinov é levado para a concepção dos atos discursivos de Bakhtin, situados

entre a objetividade da experiência individual e o domínio da cultura, sem, no entanto, um plano de intersecção. Para Bakhtin, a palavra forma uma dimensão intermediária entre a realidade concreta e o movimento transcendente. Segue Voloshinov, que busca uma forma idealista para tentar fazer a ponte entre o indivíduo e o social. Entretanto, por Voloshinov não apresentar uma filiação tão arraigada à filosofia idealista quanto Bakhtin, admite a linguagem como forma simbólica específica, expressão do espírito (filiando-se a Cassirer), mas não considera, como Bakhtin (que filia-se a ideias de Bühler), a representação transcendental do objeto a partir do pensamento.

As articulações responsáveis pelos avanços e continuidade dos estudos do Círculo, além dos diálogos entre as ideias de Bakhtin e Voloshinov, também contribuem para um equívoco. Segundo a ótica de Brandist, o equívoco constitui-se quando o autor considera o signo como refração do extradiscursivo. O extradiscursivo de Voloshinov vem do materialismo e empiriocriticismo de Lênin – a imagem ótica. Brandist acredita que Voloshinov desejava agrupar não a realidade como imagem ótica, mas a natureza da realidade extradiscursiva. Assim, Brandist considera que a contradição que gera a reversão do modelo de Bühler se instala a partir da conciliação com o pensamento de Cassirer. No primeiro, a percepção e a intencionalidade organizam a representação. Ao seguir Cassirer, Voloshinov confunde a função cognitiva e a forma estrutural, quando postula que a expressão é que organiza a experiência, o que o faz reverter o modelo de Bühler.

A conclusão de Brandist é que, mesmo tendo desenvolvido a noção de refração, Voloshinov ainda confunde as estruturas de percepção e de julgamento, gerando a confusão entre significado pragmático e semântico. Explica essa indistinção pelo prisma da filiação teórica de Voloshinov à concepção scheleriana da significação, relacionada aos diferentes contextos. A filiação a Scheler é que faz Voloshinov excluir a a concepção de referência do campo da estrutura da linguagem e identificá-la ao psiquismo, aproximando-se da visão de Courtenay.

O ápice do equívoco, na ótica de Brandist, está em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, quando Voloshinov reduz a experiência às formas que incluem julgamento. Ali Voloshinov faz uma crítica de algum modo problemática à relação feita por Marty e Gustav Shpet entre a forma interna da palavra e a divergência entre seu significado linguístico e seu significado de uso. Para Brandist, as estruturas sociais intersubjetivas não são redutíveis a categorias individualizadas, como acento avaliativo ou entoação. Considera que Voloshinov baseou-se nas reflexões de Jakubinski no ILIaZV do final da década de 1920, sobre a categoria dos gêneros discursivos na concepção sociológica, mas interpretando-as de acordo com a visão de Scheler, no sentido de *milieu*⁴: como vida-gêneros, parte dos diferentes ambientes sociais. Assim, Voloshinov relaciona os gêneros do discurso da cultura objetiva aos vida-gêneros.

A solução para o equívoco de Voloshinov, na ótica de Brandist, é fornecida por Bakhtin, no ensaio sobre o discurso e os gêneros discursivos, produzido na década de 1950, quando busca a superação das antinomias de sentido/referência e entoação/forma social. Bakhtin abandonou a noção de refração e se embasou em Cassirer, mantendo o modelo de enunciado de Bühler, porém, rompendo com a força realista de seu argumento. A conclusão de Brandist é que Bakhtin desenvolveu a noção de gênero para explicar a relação entre os gênero-vida e os gêneros da cultura objetiva.

Haveria a possibilidade de soluções realistas para a solução do dilema de Voloshinov, segundo o olhar de Brandist. Aponta o trabalho de Johannes Daubert, na

⁴ Scheler considerava o *milieu* como esfera intermediária entre o mundo real e a percepção.

década de 1920, reportando-se a um dilema semelhante no trabalho de Husserl⁵. Daubert não admitiu a distinção entre objeto real e sentido perceptual e considerou a determinação do universo perceptual a partir do mundo real, sem a intermediação do *milieu*. A contribuição de Voloshinov seria o posicionamento que impulsiona o desenvolvimento de uma ciência social realista, se for revisitado a partir de relações com a fenomenologia realista e com outras leituras sobre as estruturas sociais, como a de Roy Bhaskar⁶.

O direito e os gêneros do discurso (p. 65) mostra a emergência da filosofia jurídica alemã nos trabalhos do Círculo de Bakhtin, através da abordagem de questões éticas e jurisprudenciais na teoria do enunciado, advindas tanto da Escola de Marbourg como através da corrente de Franz Brentano, contrária ao idealismo neokantiano. O desenvolvimento da concepção fenomenológica do direito alemão permite a compreensão do modo como certos aspectos, como o pandecismo jurídico⁷, foram retomados pelos neokantianos de Marbourg. Brandist detém-se nas interlocuções entre as ideias dos membros do Círculo a partir destas influências.

A concepção da referência, na esfera jurídica, é importante para a compreensão sobre as bases que sustentam a relação autor/herói em Bakhtin. Na fenomenologia, a referenciação se dá do plano jurídico-filosófico para o linguístico, entre os atos de apresentação e as coisas ou ideias e, linguisticamente, entre o significado de uma expressão e o conteúdo imanente, a partir da aplicação do direito sobre o *Sachverhalt*, ou representação jurídica dos fatos quando são abarcados pela lei. Brandist mostra que as escolas neokantianas, para as quais o juízo e a cognição são indistintos, rejeitaram a noção de *Sachverhalt* como correlato objectual de um juízo e mantiveram seu trabalho no plano da abstração. E aponta essas duas tendências em Bakhtin: além da concepção neokantiana de cognição, encontra nos primeiros textos o enfoque fenomenológico⁸, que remete à busca de superação do abstracionismo, justificada num contexto de grandes guerras e revoluções, onde a tendência era voltar-se para a concretude.

A leitura do autor traz as concepções fenomenológicas presentes na obra bakhtiniana: a produção da imagem do herói a partir do ato de juízo do autor, decorrente de sua relação com o mundo. A regência da relação autor/herói por princípios válidos no âmbito estético como região específica da cultura. E o afastamento do herói em relação à vida como resultado da forma democrática do romance, na qual o herói não mais é julgado pelo autor segundo uma lei abstrata, mas considerado sujeito a uma lei sob a qual interagem pessoas, representadas no romance polifônico.

⁵ Franz Brentano desenvolveu uma ontologia fenomenologista sobre a constituição das categorias formais, a partir da qual Karl Stumpf delineou a filosofia dos *Sachverhalte*, ou estado de coisas. A teoria brentaniana, segundo Brandist, retorna para o campo do direito via revisão da ontologia de Stumpf por Edmund Husserl. (Brandist, 2012, p. 66).

⁶ Este enfoque opõe as estruturas naturais às sociais e relativiza as tendências, a partir da concepção de que as estruturas sociais têm causalidade externa.

⁷ A concepção pandecista ou dogmática previa a função do sistema jurídico na aplicação dos conceitos abstratos à solução dos problemas.

⁸ Brandist considera que Bakhtin foi influenciado pela fenomenologia não ortodoxa de Max Scheler da década de 1920, voltada para a vida e para a guerra, e de Nicolae Hartmann. Entretanto, não aceitou a categoria do *Sachverhalt* fenomenológico e estabeleceu um equivalente neokantiano, o qual chamou “de evento do ser” (o grifo é nosso). No evento do ser entram as propriedades ético-jurídicas do *Sachverhalt*, mas sua constituição não é considerada a partir da intersecção de órbitas ontológicas, e sim da intersecção de constituição do objeto, esferas de juízo e âmbito. (Brandist, p. 69-71).

Brandist desenvolve um quadro das interlocuções entre os membros do Círculo a partir das influências fenomenológica e neokantiana. Dentre elas, a contribuição de Voloshinov na concepção da refração do signo em relação ao processo do ser enquanto devir. Outra interlocução é a adaptação de Voloshinov do *organon* de Bühler sobre o evento de discurso para termos estéticos, que Brandist considera modelado nos termos do ensaio de Bakhtin. Além destas interlocuções, a contribuição de Medvedev em relação ao gênero pela definição dupla, sob a qual a obra é orientada para a recepção e para a vida, amplia a sua anterior vinculação apenas a formas artísticas convencionais. Brandist considera que a adoção deste modelo por Voloshinov vincula-o às diversas formas de imersão dos enunciados nas esferas de interação social, inclusive as formas cristalizadas da cultura, as quais irão trazer a abrangência dos gêneros para a ética política e a arte convencional.

Para analisar a influência da tradição do direito civil alemão na concepção da interação discursiva em Bakhtin, Brandist compara a concepção de gêneros discursivos em Bakhtin e na obra de Reinach *The Apriori Foundations of Civil Law*⁹. Um significativo deslocamento produzido por Bakhtin, está na sustentação filosófica do esquema dos gêneros¹⁰. Reinach considera a regência dos atos sociais por leis sintéticas, *não puramente lógicas* (o grifo é nosso), de onde se originam as estruturas institucionais. De outro lado Bakhtin, de acordo com o neokantismo de Marbourg, submete as questões institucionais às leis sintéticas *a priori* e submete ao controle das leis sintéticas as formas de pensamento que regem tanto os gêneros primários como os gêneros secundários. Este conjunto constitui a cultura objetiva, como a lógica da ética, das ciências, da estética. Brandist considera que o cerne do pensamento de Bakhtin está na concepção de que as formas da cultura objetiva emergem dos enunciados que, como unidades de discurso, são sempre genéricos, devendo ser entendidos a partir das formas de interação por eles constituídas.

Desenvolvendo a questão do *a priori* das categorias de gênero de Reinach e de Bakhtin, conclui que ambos conferem *status* semiplatônico às categorias da cultura objetiva, mas em diferentes enfoques: o primeiro busca dentro da fenomenologia realista as leis a priori que regem os atos sociais no direito positivo e suas instituições. O segundo amplia o logicismo da Escola de Marbourg, ao ater-se no processo de constituição do ser – ao invés de focar o ser em si –, regido pelas leis sintéticas sobre a validade objetiva das formas de pensamento.

Brandist correlaciona as formas de juízo sociomoral admitidas por Bakhtin com a fusão do pensamento institucional jurídico com a forma estética, aos quais são articulados o pensamento neokantiano de Marbourg – segundo a qual o mundo é produção do pensamento – com a autoconsciência do gênero romance em relação à estruturação do mundo da modernidade. Considera que advém daí a concepção bakhtiniana de que o funcionamento da linguagem romanesca¹¹ permite a intuição: dos

⁹ Adolf Reinach foi um dos filósofos fenomenólogos que trouxe a teoria brentaniana para o direito via estudos sobre Husserl (aluno de Franz Brentano e Carl Stumpf), o que gerou as pesquisas de Reinach sobre as relações entre os modos de representação linguística e o processo jurídico de representação dos fatos. (Brandist, p. 66).

¹⁰ O esquema reporta-se à caracterização de gênero a partir da complexidade. Mas Bakhtin, segundo Brandist, não toma a distinção entre os gêneros simples e os complexos como fundamental, como faz Reinach, e sim para correlacioná-la às formas da cultura objetiva considerada na ótica dos neokantianos.

¹¹ Na concepção bakhtiniana, a constituição do gênero secundário do romance através da linguagem-imagem da cultura objetiva permite a compreensão das leis a priori que regem a cultura, obtidas pela análise do juízo de avaliações no plano romanesco. (Brandist, p. 81).

juízos de avaliação incorporados pela linguagem, das leis *a priori* que regem o mundo da cultura e da representação de mundo do autor se dar a partir da noção de adiamento do juízo.

Conclui postulando a importância de que a análise do pensamento de Bakhtin seja feita em relação às filosofias subjacentes que delineiam a interdependência entre as questões sobre a ética do discurso e sobre o direito, para a compreensão da topicalidade de seu pensamento.

No quarto artigo, *Os Círculos de Vygotsky e Bakhtin* (p. 91), são dispostos os planos de semelhanças e de divergências teóricas entre ambos. O primeiro, relacionado à inserção comum em projetos de pesquisa coletivos em instituições com objetivos afins, e o segundo, estabelecido no âmbito filosófico, a partir das orientações neokantianas e spinozianas que distanciam, respectivamente, as pesquisas de Bakhtin e de Vygotsky.

No plano das semelhanças, Brandist considera a recorrência comum dos membros dos Círculos de Vygotsky e Bakhtin a Lev Iakubinski. Cabe destacar a emergência da teoria de Vygotsky sobre as patologias da fala, as formas de interação através do discurso e a estratificação da linguagem. Em Bakhtin e em Voloshinov, respectivamente, os ensaios sobre o romance e os trabalhos sobre psicologia e filosofia da linguagem.

Dentre as divergências significativas entre Bakhtin e Vygotsky, é destacada a filiação comum à metodologia idealista de Marbourg, mas distanciando-se em articulações diferentes. Embora Brandist considere a filiação comum à pedagogia social e ao antipsicologismo, aponta o distanciamento de Bakhtin quanto à concepção sobre o funcionamento das ciências naturais e humanas, as quais ocorrem em planos monológico e dialógico, respectivamente, com dominância do primeiro nas ciências naturais. De outro lado, destaca que a filiação de Vygotsky ao spinozismo em relação à concepção sobre a unidade necessária entre o ser e a lógica, trouxe contradições com suas ideias neokantianas sobre a exclusão necessária entre ser e validade.

Ainda no plano das diferenciações, Brandist aponta as distintas retomadas da teoria da *Gestalt*¹². Em Vygotsky emerge juntamente com a retomada das análises de Bühler na concepção de discurso interno. Em Voloshinov, na articulação de algumas das ideias da escola de Graz ao modelo *organon* de discurso, gerando a concepção de que a inferência da significação é construída a partir da instância da recepção, do contexto e de seu campo dêitico. O autor delineia a rearticulação deste pensamento aos estudos desenvolvidos no ILIaZV, como base geradora da atual teoria bakhtiniana do enunciado e dos gêneros do discurso¹³.

¹² Segundo Brandist, é uma escola de pensamento antikantiana e antineokantiana que comportava uma divisão interna: Para a escola de Graz, seguidora de Alex Meinong, a *Gestalt* é a compreensão singular do complexo perceptual a partir de uma posição específica. De outro lado, para a escola de Berlim, em torno de Max Wertheimer e Kurt Koffka, o complexo perceptual é uma *Gestalt* com propriedades distintas da posição de observação.

¹³ No texto encontra-se desenvolvido o percurso da complexa interação entre a teoria da *Gestalt*, a psicologia e o marxismo em várias outras direções, como na concepção da personalidade humana como todo qualitativo e estrutural segundo a teoria de Vygotsky, ou na busca da reconstrução dialética da estrutura em oposição ao materialismo mecânico, objeto de pensadores marxistas russos e alemães, rumo a uma teoria geral da estrutura emergente, que abarcasse a relação entre os aspectos mais complexos da realidade – como a vida e a mente – e os menos complexos – como a matéria –, inerentes à natureza dos estratos emergentes. O autor aponta que, embora essas ideias tenham sido subjugadas pelo marxismo e stalinismo, a metáfora marxista da base e superestrutura irá aparecer como uma das primeiras formas de uma teoria geral da estrutura emergente, segundo a tendência realista crítica.

Outra divergência entre Vygotsky e Bakhtin é pontuada por Brandist a partir da abordagem comum sobre a dimensão histórica do desenvolvimento cultural. Como resultados divergentes, aponta a concepção naturalista de Vygotsky sobre as estruturas emergentes da cultura, calcadas em articulações com os fundamentos culturais e sociais do desenvolvimento cognitivo da teoria marxista¹⁴, articulações com a psicologia evolutiva e com a linguística funcional, embora considerada a orientação intencional subjacente à base da teoria da *Gestalt*. Como resultados na teoria bakhtiniana, o autor considera a concepção das estruturas emergentes da cultura como *sui generis*. Resulta da articulação da teoria da *Gestalt* a estudos sobre a dialética entre as formas simbólicas míticas e críticas, fundante da teoria do romance como estrutura que emerge das estruturas culturais pré-romanescas.

A conclusão de Brandist destaca a convergência – mas não coincidência integral – entre as ideias do círculo de Vygotsky e Bakhtin. A partir do objeto comum, a busca de uma teoria geral das estruturas emergentes em psicologia e cultura, além da recorrência a um círculo comum de pensadores contemporâneos. De outro lado, bifurcando-se em diferentes percursos: Vygotsky buscou investigar a unidade entre fenômenos culturais e estruturas físicas e biológicas, mas que diferem qualitativamente os fenômenos biológicos das estruturas físicas. Bakhtin filiou-se à concepção neokantiana de mundo dividido em domínios que advém de ordens causais e teleológicas. Enquanto Voloshinov ficou entre os dois, calcado na síntese vygotskyana.

No artigo *As origens da sociolinguística soviética* (p. 113), são elencadas as várias tendências que compuseram o quadro teórico da década de 1920 e seu condicionamento pelo contexto sociopolítico e ideológico, o que mostra a contribuição de Bakhtin para a área dos estudos sobre a linguagem e para a teoria do romance.

Brandist marca o desenvolvimento da linguística soviética na Rússia, no século XVIII, a partir da psicologia associativa de Johann Herbart e da filosofia estruturalista de Wilhelm Von Humboldt. Pontua-as como raízes das correntes da Psicologia de Moritz Lazarus e da psicologia de Hayman Steinthal, no interior da qual se originou a expressão *Völkerpsychologie* (Lazarus, 1851) e a consolidação do conceito (Lazarus e Steinthal, 1860).

É importante trazer a abordagem de Brandist desde o princípio da *Völkerpsychologie*, para acompanharmos o percurso da linguística soviética construído pelo autor, entre o psicologismo e a sociologização. Reporta-se ao desenvolvimento do conteúdo mental objetivo em meio à coletividade e sua função de realizar a atividade subjetiva interior. A língua, atrelada ao imaginário mitológico e aos costumes, gera o *Volkgeist*, ou espírito objetivo do *Volk* (povo). Portanto, o princípio da *Völkerpsychologie* compreende a forma verbal como resultante da apreensão da natureza e do homem, ou imagem da contemplação da *Volkseele* (espírito do povo como substância mística). O autor delinea o papel de Steinthal na articulação das leis da psicologia individual à *völkerpsychologie*, para investigar a relação entre pensamento e linguagem. Considera, como resultante, a subordinação da gramática à psicologia, pela interpretação psicológica aos dados linguísticos, de onde produz a classificação estrutural das línguas e dos mitos em correlação com os níveis de civilização.

Brandist destaca Wilhelm Wundt como outra figura significativa no cenário das ideias russas e no percurso da *Völkerpsychologie* rumo às articulações. Rejeitando a base herbartiana, Wundt deslocou o sentido da apreensão na linguagem para o de elo

¹⁴ A partir da combinação de aspectos da *Völkerpsychologie* com o marxismo e neokantismo, Marr tinha uma visão mecanicista da cultura, a qual considerava uma atividade psicofísica, cuja evolução espacial e temporal se dava a partir da atividade linguística ou semântica coletiva.

entre a percepção e a *Volkseele* (processos psicológicos gerais que emergem da reciprocidade), considerando, assim, a linguagem como atividade psicossocial. Teve, segundo a análise do autor, papel significativo na concepção da *Völkerpsychologie*, por conferir à linguagem o papel de componente da vida social, da cultura, do *Volkgeist* (ou comportamento regido por normas) e gerador da atividade interior de um *Volk* (variedade de um espírito de grupo). A contribuição resultante foi a investigação do princípio de unidade da língua a partir da variação dos dialetos sociais e o levantamento da problemática dialetos *versus* língua nacional. Por outro lado, o autor aponta o papel dificultador de Wundt na sujeição da interação social à investigação e o de condutor da visão do *Geist* nacional como protótipo geral.

A avaliação de Brandist sobre a ampliação do papel dos estudos sobre as formas linguísticas para além de suporte das interações psicológicas destaca ainda a atuação de Aleksandr Potebnia, na filiação ao pensamento de Steinthal que gera a obra *Pensamento e linguagem*. A Rússia também recebe conhecimentos linguísticos e sociológicos de fora através de Meillet e Alexandr Veselovski, que traduz para o russo o periódico da *Völkerpsychologie*.

Nesse contexto, Brandist traz a atuação das Escolas Russas de Moscou e de Kazan, fundadas, respectivamente, por Filipp F. Fortunatov e Aleksei Shakhmatov. O primeiro dá enfoque à interação entre as leis psicológicas de generalização do pensamento individual – limitado o social a fatores coletivos – e os estudos de sintaxe sobre as normas de expressão do pensamento. Vem daí a concepção psicologicista da linguagem como coletivização das linguagens individuais, como também a crítica ao desprezo Wundtiano pela história concreta das línguas dos povos cultos. Como herança, os estudos sobre sintaxe e a descrição sistemática dos dialetos na Rússia, culminando na publicação do primeiro mapa dialetal da Rússia, em 1915.

Na escola de Kazan, mais ligada à *Völkerpsychologie*, destacou-se Jan Baoudoin de Courtenay¹⁵, nos estudos sobre as dimensões sociológicas da formação linguística e a análise protossociológica que permaneceu voltada para o estudo da formação da língua nacional. Brandist enfatiza a estruturação social da linguagem e a concepção de fala como associação de representações, o que prenuncia a linguística sociológica, sob os moldes da submissão das leis fonéticas às leis psicológicas e sociológicas (estas de cunho permanente). Dentre os deslocamentos resultantes, as distinções, como a estratificação horizontal e vertical das línguas na constituição da linguística estrutural, o papel de forças centrípetas e centrífugas discerníveis no funcionamento da língua e a distinção entre língua em ato e língua em potência, como *langue* e *parole*.

Brandist avalia a importância das fontes citadas na evolução da sociolinguística soviética, inscrita num contexto de lutas de classe, pelo retorno de suas investigações sobre o âmbito social, até a chegada do stalinismo. Como também a importância de sua própria pesquisa, por mostrar o diálogo entre a filosofia da linguagem pré-stalinista e o marxismo, ignorados pelo ocidente.

Primeiros projetos soviéticos de pesquisa e o desenvolvimento das ideias bakhtinianas (p. 135) mostra as condições institucionais dos trabalhos do Círculo de Bakhtin. Parte da relação entre os projetos desenvolvidos nas instituições de Leningrado e as publicações científicas dos membros do Círculo, através da análise dos arquivos das pesquisas realizadas pelos membros do Círculo na década de 1920, para desenvolver a compreensão sobre percurso das ideias de outros contextos até o Círculo

¹⁵ Segundo Brandist (p. 115), Baudouin é reconhecido como um dos fundadores da linguística moderna, a partir das reflexões que revolucionaram a área da fonética e o campo da metodologia das ciências da linguagem.

via Matvei Kagan, a bilateralidade do fluxo de ideias entre Bakhtin e Voloshinov e o desenvolvimento das ideias da época nos trabalhos de Bakhtin.

Daí se tem a compreensão, entre outros pontos, sobre como se origina a classificação sociológica da atividade discursiva e a dicotomia bakhtiniana discurso autoritário *versus* discurso internamente persuasivo no estudo sobre o romance, como chega ao Círculo a concepção de diálogo como manifestação da interação social na linguagem, como a perspectiva psicologicista bifurca-se na perspectiva sociológica e nos estudos fenomenológicos superficiais marristas.

Linguística sociológica em Leningrado (p. 155) traz também a questão do contexto institucional, mas em função do jogo político que determina a perda de espaços no quadro científico para a autoridade estatutária. Aqui é mostrado o funcionamento e o declínio do ILIaZV até sua destruição, o principal instituto de Leningrado no interior do qual se desenvolveram tanto as ideias-chave do Círculo de Bakhtin como as concepções de Nicolai Marr.

Neste artigo, Brandist delinea o rumo dos estudos no ILIaZV a partir da socialização da URSS e da ascensão do marrismo, abarcando desde a redução sucessiva da amplitude das pesquisas até a compilação em duas áreas, onde Marr passa a exercer posição de liderança. Analisa o desenvolvimento das pesquisas sobre a definição de termos e de conceitos e a compilação bibliográfica no campo do discurso público antes de depois do encampamento das tarefas práticas do campo da agitação, a partir da unificação administrativa com o Instituto de Agitação.

As reflexões mostram o abarcamento do científico pelo político e a emergência do político nas obras dos membros do Círculo: O controle do ILIaZV, assim como outros institutos, para a administração da RANION (Associação Russa dos Institutos de Pesquisa em Ciências Sociais) e a maior eficiência e foco na pesquisa científica de ponta e problemas contemporâneos. A redução dos campos de pesquisas do ILIaZV a duas seções: em torno da linguagem e da metodologia da literatura, que seguiram os temas sobre questões de metodologia da língua e da literatura e de implicações socioeconômicas, políticas e culturais nas trocas linguísticas internacionais e entre o campo e a cidade. Em decorrência, o paralelismo entre as seções da língua e da literatura.

As obras dos membros do Círculo são situadas nesse contexto: a produção do artigo de Voloshinov de 1926, “Sobre o discurso na vida e na poesia”, assim como o livro de Medvedev, *The Formal Method in Literary Scholarship*, de 1928, a partir de suas pesquisas no programa de História da Literatura Russa. A obra de Voloshinov, *Marxism and Philosophy of language: Basic Problems of the Sociological Method in the Study of Language*, em 1929. Brandist considera que Voloshinov, quando transita para as questões de tipologia histórica e teoria linguística do discurso sem abandonar o enfoque literário, abrange em suas pesquisas as duas linhas de pesquisa do instituto: a literária e a linguística.

O autor analisa a ascensão do marrismo em meio à atividade intensa do ILIaZV no final da década de 1920, sob as tendências funcional e genética, e o conseqüente declínio do ILIaZV¹⁶. Destaca a ambivalência do pensamento marrista, entre os estudos

¹⁶ Segundo Brandist, Nicolai Marr dirigia a subseção de linguística geral, que tinha como tema coletivo os estudos sobre as interações entre as unidades da língua, interpretadas segundo diferentes enfoques: na relação com a estrutura de classes, como unidade nacional, quanto às variações étnicas e sociais, escrita e conversacional, criação poética e jargões, etc. A abordagem marrista compreendia evolução das normas linguísticas com a sociabilidade, além de desenvolver projetos sobre termos numéricos e sobre línguas caucasianas específicas.

sobre a distinção das línguas caucasianas e a análise paleontológica a partir do estágio do jafético, que conduziu ao embasamento dos princípios centrais de sua perspectiva sobre dois pilares: os princípios da *Völkerpsychologie* (as línguas constituem manifestações da psicologia coletiva), articulados ao princípio marxista da correspondência entre os estágios de desenvolvimento da linguagem e os estágios de desenvolvimento das forças e relações de produção. Conclui que a perda de terreno do campo científico para o político resultou no desenvolvimento de projetos de pesquisa sobre análises paleontológicas no ILIaZV como tendência dominante, em contraposição ao cerceamento das ideias antimarristas que, entretanto, sobreviveram por mais algum tempo no campo da fonética experimental, da dialetologia social e análise funcional.

A leitura de Brandist mostra que os ângulos de observação dos estudos do Círculo de Bakhtin não se esgotaram, e que o olhar lançado através desta obra privilegia ainda novos enfoques. Dentre eles, podemos citar aqueles apontados pelo autor, quanto à ampliação do enfoque na obra de Bakhtin para o diálogo com as pesquisas institucionais do ILIaZV, ou quanto ao estudo sob a filiação à perspectiva histórica, aliada à ciência do contexto da investigação atual e à perspectiva sob a qual é gerada a pesquisa, a fim de revelar a importância de seu papel intelectual e/ou histórico.

Como aponta Bakhtin (1988, p. 88), *Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa*. O enfoque da leitura de Brandist, produzido em meio ao jogo das interpretações, é relançado na arena para criar novos olhares e reestabilizar os saberes que insurgem no interior das redes intrincadas, remodelando o campo da aparente homogeneidade do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V.) *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Ed. Hucitec, 1986.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética*. São Paulo, Hucitec, 1988.

BRANDIST, Craig. *Repensando o Círculo de Bakhtin: novas perspectivas na história intelectual*. CAMPOS, Maria Inês Batista, SCHETTINI, Rosemary H. (org.), São Paulo, Contexto, 2012. Trad. Rosemary Schettini e Nathalia S. Polachini